ECosociAL - Pesquisa de Coesão Social na América Latina

Primeiros Resultados

Simon Schwartzman

Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade

A pesquisa

ECosociAL, Pesquisa de Coesão Social na América Latina, foi realizada no primeiro semestre de 2007 nas principais cidades Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Guatemala, México e Brasil, em uma amostra probabilística de 10 mil pessoas. Ela foi conduzida pelo Instituto de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Chile, com a colaboração do Hellen Kellog Institute for International Studies da Universidade de Notre Dame, como parte de um projeto mais amplo sobre "A Nova Agenda de Coesão Social da América Latina", desenvolvido pela Corporación de Estudios para Latinoamérica (CIEPLAN) de Santiago, Chile, e pelo Instituto Fernando Henrique Cardoso (iFHC) no Brasil. Informações adicionais sobre a pesquisa estão disponíveis no site do projeto, http://www.ecosocialsurvey.org/inicio/index.php .

Quadro 1

A amostra	
Argentina	1,400
Brasil	1,700
Chile	1,400
Colombia	1,400
Guatemala	1,200
México	1,500
Perú	1,400
Total	10,000

Sociedades coesas são sociedades aonde as pessoas compartem um conjunto básico de valores que definem as normas de convivência, aonde os conflitos de interesse são resolvidos segundo procedimentos bem estabelecidos e que evitam o uso da violência, onde diferenças de opinião e estilos de vida são aceitas e respeitadas, e aonde as pessoas não sejam marginalizadas e isoladas. Quando não existe coesão, a sociedade se divide em grupos antagônicos, valores e preferências individuais não são respeitados, as pessoas se isolam e desenvolvem comportamentos anti-sociais, e, com isto, as instituições deixam de funcionar, afetando os direitos civis, políticos e sociais dos cidadãos, assim como sua condição de vida. Nas sociedades tradicionais, como nos regimes totalitários, a coesão social é buscada pela total subordinação das pessoas à ordem e aos valores dominantes; nas sociedades modernas e democráticas, prevalece a liberdade individual e a tolerância e respeito das diferenças.

Qual é o estado da coesão social na América Latina? Em que medida as prevalecem os valores típicos da coesão democrática, e em que medida estes valores estão desgastados, e sendo substituídos por outros, de índole autoritária? Como as pessoas se sentem em relação à sociedade em que vivem, e o que esperam para o futuro, em função de suas experiências e condições de vida?

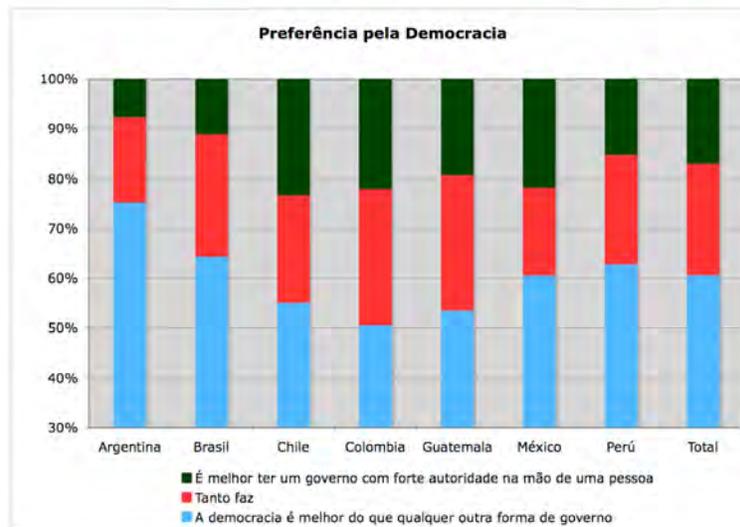
A pesquisa mostra que, nos países pesquisados, a democracia, está fragilizada. Embora a maioria das pessoas ainda considere que a democracia é a melhor forma de governo, esta preferência não está associada a um apoio claro ao direitos individuais, vem acompanhada de uma grande desconfiança em relação às instituições políticas e governamentais, aos partidos políticos, aos governantes e às pessoas em geral, e quase metade dos entrevistados acredita que se justifica fazer uso da força para conquistar seus direitos. Existem diferenças importantes em relação a estes valores e percepções, mas o que mais chama a atenção é que eles são bastante semelhantes entre países e classes sociais.

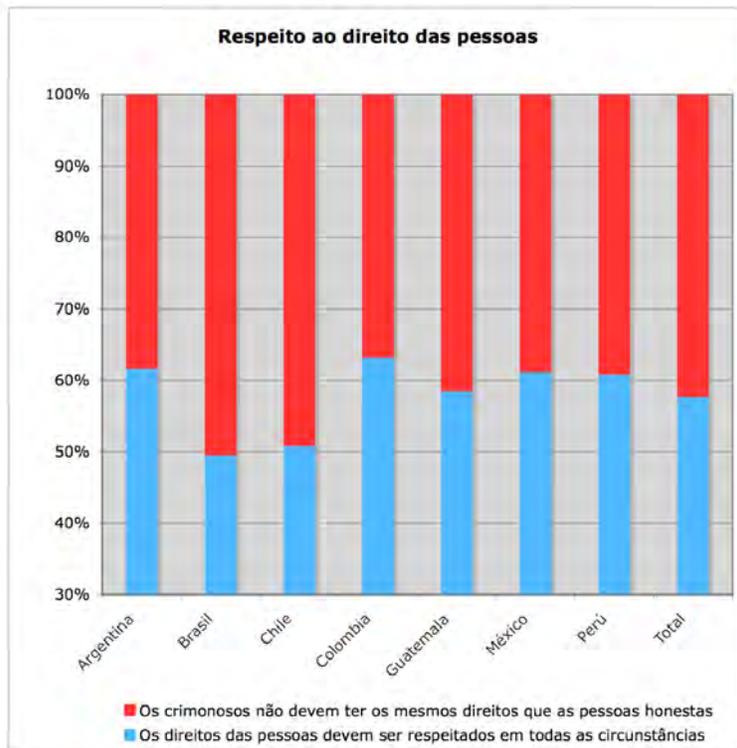
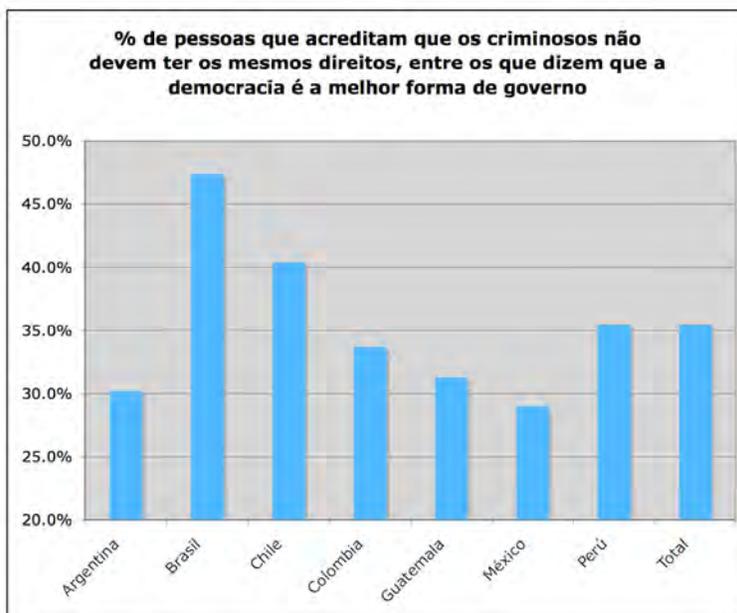
Esta descrença e desconfiança se explica, em grande parte, pela situação de insegurança e medo em que vivem as pessoas. O retraimento e a desconfiança em relação à sociedade mais ampla e ao sistema político é compensado, em alguns países mais do que outros, pela criação de relações locais de amizade, pela religião e pela família. Apesar de tudo, as pessoas acreditam que o futuro será melhor para todos, e vêm na educação dos filhos o principal caminho para isto.

A lição da ECosociAL é clara. Existe um grande desafio, para os países latino-americanos, de dar mais substância ao seus regimes democráticos e ao tecido social, aumentando a credibilidade de suas instituições, reduzindo as incertezas e a insegurança da vida das pessoas nas grandes cidades, dando mais condições e oportunidades de trabalho, e fazendo da educação um meio efetivo de qualificação e formação das pessoas, mais do que uma simples quimera. É um trabalho difícil, mas não impossível, porque a população, apesar dos pesares, ainda acredita na democracia, e tem fé no futuro.

Uma democracia fragilizada

Em todos os países pesquisados, a democracia é considerada a melhor forma de governo. Os valores democráticos são mais fortes na Argentina e Brasil, e menores na Colômbia, Chile e Guatemala.

Quadro 2

O que as pessoas entendem por democracia, no entanto, pode variar muito de pessoa a pessoa e de país a país. Muitas pessoas valorizam a democracia, mas não entendem que supõe a garantia dos direitos individuais de todas as pessoas fazem parte dela. No Brasil e no Chile, metade dos entrevistados não crê que os criminosos têm os mesmos direitos do que as pessoas honestas.

Quadro 3

Quadro 4

Pouca confiança nas Instituições

A grande maioria dos latino-americanos confia pouco ou nada nas instituições políticas de seus países. A maior desconfiança é em relação aos partidos políticos. No Chile, diferentemente dos outros países, a população confia na polícia, os tradicionais “carabineros”. Em geral, existe menos desconfiança em relação ao governo nacional do que em relação às demais instituições. A falta de confiança nas instituições influencia a preferência por governos fortes, embora a maioria dos que não confiem nas instituições continuem preferindo a democracia.

Quadro 5

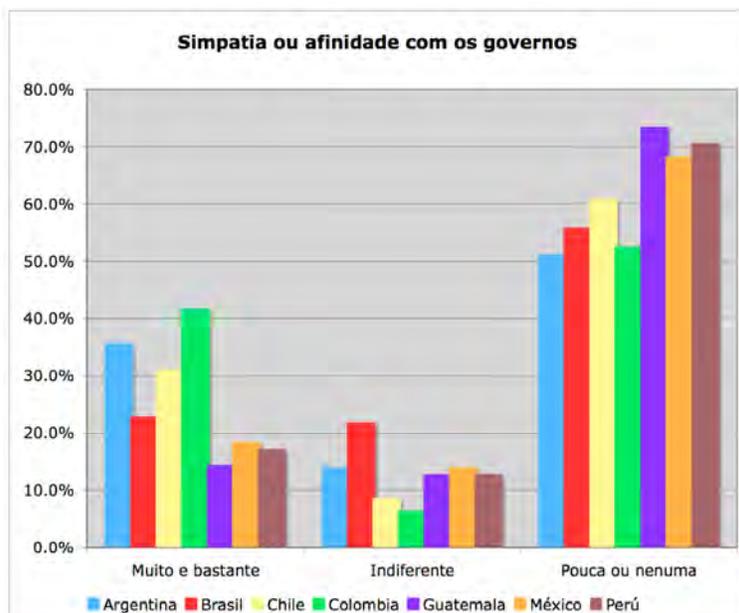
% que confiam pouco ou nada nas instituições políticas								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
No governo	47.8%	60.3%	50.4%	50.9%	78.3%	63.5%	62.8%	58.8%
No Congresso	75.4%	72.7%	71.1%	79.3%	81.6%	74.2%	83.3%	76.6%
Nos partidos políticos	83.9%	76.2%	80.2%	80.5%	83.9%	75.6%	85.0%	80.5%
Nos prefeitos	70.5%	71.9%	54.8%	66.4%	72.0%	67.1%	62.0%	66.5%
Nos trbunais de justiça	74.5%	61.4%	66.6%	66.6%	78.2%	73.0%	85.8%	71.8%
Na polícia	69.5%	62.8%	39.9%	50.6%	80.9%	74.4%	70.3%	63.7%

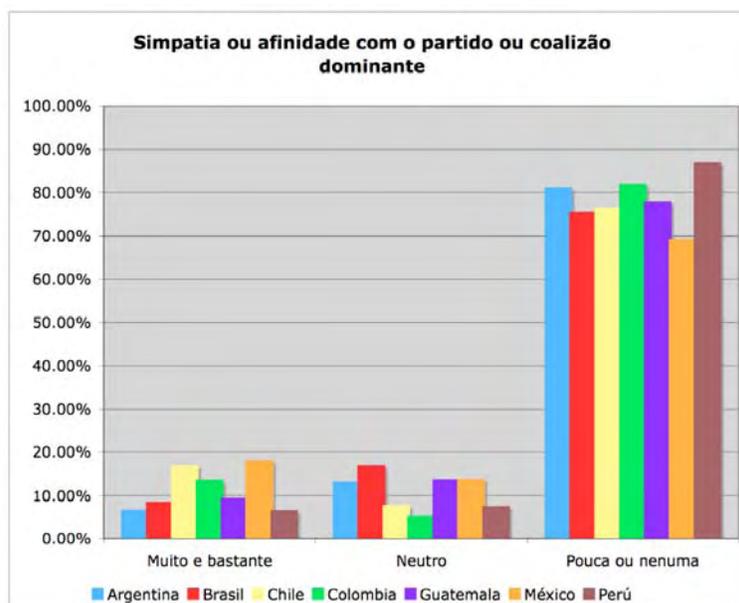
Quadro 6

% que prefere um governo forte, e não a democracia, conforme a confiança nas instituições		
	Tem confiança	Não tem confiança
No governo	9.2%	18.7%
No Congresso	11.7%	17.4%
Nos partidos	9.7%	17.3%
Nos prefeitos	11.7%	17.7%
Nos tribunais	14.0%	17.3%
Na polícia	14.9%	17.1%

Pouca afinidade com os governos e partidos ou coalizões dominantes.

A grande maioria, 61.3% dos entrevistados em todos os países, não sente afinidade ou simpatia pelos respectivos governos. O distanciamento maior é na Guatemala, com 73.5% das pessoas sem nenhuma afinidade ou simpatia, e o menor é na Argentina, com 50.9%, seguida de perto pelo Brasil e Colômbia. Chile e Colômbia são os países politicamente mais polarizados, com poucas pessoas indiferentes em relação ao governo, enquanto que o Brasil é o país como maior percentagem de pessoas indiferentes: 21.6%.

Quadro 7

Se a afinidade com os governos é baixa, a afinidade com os partidos e coalizões políticas no poder é ainda menor, de somente 11% em toda a América Latina. Ela é um pouco maior do no Chile, México e México, e extremamente baixa na Argentina, Brasil e Peru.

Quadro 8

Risco político

Além de não confiar nos políticos e nas instituições, os entrevistados têm medo das autoridades. Um número surpreendente diz que há risco em dizer o que pensa da política e dos políticos e mais ainda de participar de manifestações contra os governos, mesmo em países de democracia consolidada, e a maioria se sente exposta a prisão arbitrária e extorsão por parte das autoridades públicas. Esta percepção de risco varia conforme a classe social das pessoas, mas ocorre em todas as classes, e as diferenças mais importantes ocorrem entre os países, com argentinos, chilenos e brasileiros mais seguros em se expressar politicamente, e os guatemaltecos mais ameaçados de violência e extorsão.

Quadro 9

Risco que têm as pessoas como você de (% de muito ou algum risco)								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Dizer o que pensa da política e dos políticos	32.4%	39.8%	35.4%	61.6%	56.5%	40.8%	50.5%	44.9%
Participar de partidos políticos da oposição ao govrerno	35.8%	38.6%	37.6%	57.1%	55.4%	41.2%	50.0%	44.7%
Participar de movimentos ou manifestações contra as autoridades	58.6%	61.5%	61.8%	72.0%	64.0%	56.2%	65.6%	62.7%
Ser preso ou maltratado pela polícia sem razão aparente	59.0%	53.5%	54.1%	65.8%	69.4%	59.2%	63.5%	60.2%
Que a policia ou as autoridades entrem em sua casa sem autorização judicial	38.8%	40.1%	35.4%	51.6%	64.7%	50.0%	52.9%	47.1%
Que algum policial, juiz ou autoridade exija um pagamento ou propina por alguma coisa	69.4%	45.8%	44.0%	55.5%	71.1%	65.7%	76.9%	60.6%

Quadro 10

Risco que têm as pessoas como você de (% de muito ou algum risco)				
	classe alta e média alta	classe média	classe baixa e média baixa	Total
Dizer o que pensa da política e dos políticos	46.0%	45.0%	44.4%	44.8%
Participar de partidos políticos da oposição ao govrerno	39.8%	45.6%	44.7%	44.7%
Participar de movimentos ou manifestações contra as autoridades	55.2%	62.0%	64.4%	62.6%
Ser preso ou maltratado pela polícia sem razão aparente	53.8%	61.2%	60.4%	60.2%
Que a policia ou as autoridades entrem em sua casa sem autorização judicial	42.1%	46.9%	48.0%	47.1%
Que algum policial, juiz ou autoridade exija um pagamento ou propina por alguma coisa	53.7%	62.3%	60.1%	60.5%

A má qualidade dos serviços públicos

Parte da desconfiança em relação às instituições e autoridades pode estar associada à má qualidade dos serviços públicos que as pessoas recebem. A principal queixa é em relação à polícia, considerada ruim ou péssima por trinta a quarenta por cento da população,

exceto no Chile. No Brasil, a maior queixa em relação à polícia ocorre no Rio de Janeiro, enquanto que em São Paulo a queixa maior é em relação às escolas públicas.

Quadro 11

Qualidade dos serviços Públicos - % de ruim e muito ruim								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	total
Transporte público	25.8%	22.4%	37.8%	9.6%	17.1%	19.8%	21.0%	22.0%
Polícia	34.7%	39.4%	24.3%	17.3%	41.3%	41.4%	37.1%	33.7%
Serviços de saúde	23.1%	42.9%	21.4%	14.3%	15.4%	18.2%	21.7%	23.2%
Escolas públicas de educação fundamental	17.6%	35.0%	16.1%	8.8%	10.3%	9.7%	18.6%	17.2%
Escolas públicas de ensino médio	17.4%	32.8%	14.4%	9.0%	12.0%	9.6%	16.8%	16.5%

Quadro 12

Brasil: Qualidade dos serviços Públicos - % de ruim e muito ruim					
	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo	Total
Transporte público	10.9%	22.5%	27.9%	23.7%	22.4%
Polícia	29.6%	46.6%	39.5%	39.1%	39.4%
Serviços de saúde	25.4%	48.3%	56.4%	41.5%	43.0%
Escolas de educação fundamental	19.5%	31.3%	24.4%	44.6%	35.0%
Escolas de ensino médio	18.5%	34.6%	25.4%	39.0%	32.9%

Insegurança nos bairros e vitimização

A população dos países pesquisados vive insegura. Nas casas, durante o dia, 16% das pessoas se sentem inseguras; o centro das cidades é praticamente inacessível, com uma sensação de insegurança próxima de 80%. Os níveis de vitimização, ou seja, roubos e assaltos efetivamente sofridos, chega a ser surpreendentemente alto em países como a Argentina e Chile, cujas capitais têm uma longa tradição de segurança. Os bairros estão deteriorados, com a propriedade privada ameaçada e riscos de violência, roubos, assaltos e a presença de tráfico de drogas.

No Brasil, a cidade que aparece como mais insegura é Porto Alegre, acima dos níveis do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Um número significativo de respondentes, 15%, acredita que se justifica ter arma de fogo em casa para se defender. Comparado com outros países, o Brasil, e mais especialmente a cidade de São Paulo, é onde as pessoas são menos favoráveis às armas de fogo; Porto Alegre, por outro lado, se aproxima dos demais países da região, aonde a aprovação da posse de arma de fogo varia entre 30 e 40% dos respondentes.

Quadro 13

Insegurança nas ruas (pouco ou nada seguros)								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Quando está só em casa e é de dia	19.60%	19.00%	13.50%	7.30%	23.30%	11.80%	18.60%	16.10%
Quando está só em casa e é de noite	33.80%	30.10%	30.10%	19.80%	35.20%	25.00%	35.40%	29.80%
Quando caminha por seu bairro ao anoitecer	57.90%	57.20%	50.00%	49.30%	64.50%	45.80%	52.30%	53.60%
Caminhando pelo centro da cidade à noite	60.90%	88.90%	77.10%	87.40%	78.60%	73.30%	80.70%	78.40%

Quadro 14

Brasil. Insegurança nas ruas (pouco ou nada seguros)					
	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo	Total
Quando está só em casa e é de dia	36.3%	19.8%	22.6%	12.9%	19.0%
Quando está só em casa e é de noite	50.0%	32.4%	40.2%	20.7%	30.1%
Quando caminha por seu bairro ao anoitecer	72.6%	62.4%	65.7%	48.4%	57.2%
Caminhando pelo centro da cidade à noite	89.1%	90.3%	80.0%	91.0%	88.8%

Quadro 15

Viitimização e uso de arma de fogo								
Nos últimos 12 meses:	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Alguem entrou na sua casa para roubar	13.70%	9.80%	18.90%	11.90%	12.20%	12.20%	19.70%	14.00%
Alguém o roubou na rua	25.40%	24.30%	28.70%	23.00%	35.20%	24.80%	41.00%	28.60%
Foi atacado fisicamente por alguém	6.90%	4.40%	10.40%	9.10%	10.60%	10.40%	15.50%	9.40%
Foi ameaçado por arma de fogo	17.00%	7.00%	13.20%	16.00%	24.80%	14.90%	16.30%	15.20%
Acredita que se justifica ter uma arma de fogo em casa para se defender	33.50%	15.10%	43.40%	29.30%	41.00%	41.20%	43.10%	34.60%

Quadro 16

Brasil: vitimização e uso de arma de fogo					
Nos últimos 12 meses:	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo	Total
Alguem entrou na sua casa para roubar	16.70%	5.70%	8.20%	10.20%	9.80%
Alguém o roubou na rua	28.50%	21.40%	25.30%	24.10%	24.30%
Foi atacado fisicamente por alguém	6.10%	5.00%	7.50%	2.80%	4.40%
Foi ameaçado por arma de fogo	16.20%	9.50%	6.40%	3.60%	6.90%
Acredita que se justifica ter uma arma de fogo em casa para se defender	33.00%	17.80%	18.80%	8.00%	15.10%

Quadro 17

% que dz serem comuns estas coisas em seu bairro								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Pixações nos muros	57.9%	61.0%	70.0%	44.9%	30.9%	77.8%	71.2%	59.9%
Jovens vagando nas ruas	76.6%	74.9%	73.4%	77.9%	62.0%	76.2%	85.7%	75.5%
Vandalismo e ataques à propriedade privada	44.0%	36.6%	40.8%	42.6%	41.2%	47.5%	55.0%	43.8%
Tráfico de drogas	59.2%	55.0%	60.1%	53.9%	32.8%	47.5%	51.5%	51.8%
Roubos e assaltos	75.0%	59.6%	58.3%	59.5%	61.8%	57.8%	71.1%	63.2%
Tiroteiros, brigas e violência de rua	39.0%	37.0%	42.3%	40.0%	49.4%	43.7%	52.1%	43.1%

Quadro 18

Brasil: % que dz serem comuns estas coisas em seu bairro					
	Porto Alegre	Rio de Janeiro	Salvador	São Paulo	Total
Pixações nos muros	54.9%	63.3%	43.5%	67.3%	61.0%
Jovens vagando nas ruas	89.3%	77.6%	88.9%	65.4%	74.9%
Vandalismo e ataques à propriedade privada	58.2%	35.2%	40.7%	30.1%	36.6%
Tráfico de drogas	80.9%	57.3%	80.1%	39.0%	55.0%
Roubos e assaltos	69.6%	55.1%	65.6%	56.8%	59.6%
Tiroteiros, brigas e violência de rua	67.4%	45.2%	55.5%	19.7%	37.0%

Legitimidade da violência

Entre 30 e 40% da população acredita ser justificável fazer uso da violência na defesa de causas justas. Esta aceitação da violência é menor na Colômbia, talvez pela experiência traumática de décadas de violência política, do que nos demais países; e é maior na Guatemala e México. A aceitação da violência não depende da posição social das pessoas (o conceito de "classe social de escolha" será detalhado mais adiante).

Quadro 19

% que acha que a violência se justifica sempre ou em algumas ocasiões								
	Argentina	**Brasil**	**Chile**	**Colombia**	**Guatemala**	**México**	**Perú**	**Total**
Quando as minorias indígenas reclamam suas terras ancestrais	30.8%	21.8%	34.9%	29.3%	49.9%	50.3%	39.1%	36.0%
Quando se procura fazer mudanças revolucionárias na sociedade	25.5%	18.9%	22.6%	19.5%	44.3%	46.5%	33.5%	29.7%
Quando se defende o meio ambiente	30.0%	25.7%	29.7%	32.2%	51.2%	49.9%	42.8%	36.8%
Quando os pobres pedem melhores condições de vida	30.5%	19.9%	35.1%	34.4%	50.6%	54.4%	45.0%	37.9%
Quando as pessoas se opõem a uma ditadura	36.5%	20.6%	40.5%	27.8%	47.9%	50.3%	45.5%	37.9%

Quadro 20

Justificação da violência por classe social de escolha (% de respostas a todas as questões)			
	Classe alta	**Classe média**	**Classe baixa**
Se justifica sempre	12.4%	14.8%	13.9%
Se justifica em algumas ocasiões	18.4%	22.7%	19.6%
Não se justifica nunca	69.3%	63.3%	66.5%

Distanciamento dos governantes e pessoas com poder

A maioria dos entrevistados acredita que as autoridades não se importam com as pessoas comuns, e querem somente se aproveitar delas. Ainda assim, existem diferenças significativas: os argentinos e peruanos são muito mais céticos em relação a seus governantes do que os demais. Existem também diferenças de classe: as pessoas de classe mais alta tendem a estar mais em desacordo com o juízo negativo a respeito dos governantes do que as de classe média ou baixa. No entanto, não é um desacordo enfático.

Quadro 21

Distanciamento das autoridades - % muito de acordo e de acordo com as afirmações abaixo								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Os que dirigem este país não se importam com o que acontece com as pessoas como eu	63.8%	56.3%	61.1%	59.3%	58.1%	56.5%	64.2%	59.8%
As autoridades não fariam nada se houvesse um problema grave em meu bairro	57.0%	45.2%	48.7%	39.5%	49.2%	47.1%	57.3%	49.0%
A maior parte das pessoas com poder só querem se aproveitar de gente como eu	59.0%	56.3%	58.2%	65.6%	57.6%	56.7%	66.1%	59.9%

Quadro 22

Desinteresse e distância das autoridades por classe social de escolha (respostas a todas as questões).			
	Classe alta	classe média	classe baixa
muito de acordo	8.6%	12.6%	15.0%
de acordo	33.2%	44.8%	44.9%
nem acordo, nem desacordo	12.8%	11.6%	13.0%
em desacordo	41.4%	28.6%	14.8%
muito em desacordo	4.0%	2.4%	2.4%

Nacionalismo e regionalismo

Apesar de todas as dificuldades, as pessoas se sentem identificadas com seus países, ou, visto de um outro ângulo, ameaçadas pelo mundo desconhecido e de fora. Embora existam identidades regionais, a identidade nacional é muito mais importante, e existe muito apoio para políticas nacionalistas contra produtos e conteúdos de televisão estrangeiros. Os dados do Brasil mostram que a identidade regional é mais importante em Porto Alegre do que em outras cidades, mas este sentimento não está associado a outras atitudes em relação à nação. É a cidade de Salvador, a mais pobre da amostra, que revela os índices mais altos de nacionalismo, sugerindo que eles expressam menos um sentido de coesão e participação social, e mais um sentimento de isolamento e ameaça.

Quadro 23

Nacionalismo								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Se sente identificado com alguma região ou cidade em seu país	25.5%	58.1%	50.3%	55.5%	40.3%	29.5%	58.8%	45.7%
A identidade regional é mais importante que a identidade nacional	6.9%	7.0%	6.8%	8.5%	14.7%	8.1%	7.3%	8.2%
Considerando tudo de bom e tudo de ruim, tenho orgulho da história de meu país (% de acordo e muito de acordo)	66.9%	73.2%	87.0%	91.3%	88.1%	88.9%	90.7%	83.4%
Meu país deve sempre defender seus interesses como nação, ainda que possa levar a conflitos com outros países (% de acordo e muito de acordo)	72.5%	64.1%	80.1%	81.9%	81.9%	79.0%	82.2%	76.9%
Meu país deveria limitar a importação de produtos estrangeiros para proteger a economia nacional (% de acordo e muito de acordo)	83.0%	67.6%	67.8%	75.8%	69.1%	75.2%	76.5%	73.4%
A televisão em meu país deveria dar preferência a filmes e programas nacionais (% de acordo e muito de acordo)	67.2%	57.9%	69.0%	75.9%	77.2%	67.9%	75.6%	69.6%
É melhor que os grupos indígenas do país mantenham seus príoprios costumes e tradições, e não se adaptem e misturem com o resto do país (% de acordo)	70.2%	66.8%	62.7%	72.5%	80.0%	72.9%	63.6%	69.5%
É melhor que as regiões tenham a maior autonomia possível, sem responder ao governo central	66.6%	59.1%	63.6%	57.3%	62.8%	60.0%	65.5%	62.0%

Quadro 24

Nacionalismo - Brasil					
	Porto Alegre	Rio	Salvador	São Paulo	Total
Se sente identificado com alguma região ou cidade em seu país	46.4%	55.2%	37.8%	68.6%	58.1%
A identidade regional é mais importante que a identidade nacional	18.8%	6.7%	9.2%	4.6%	7.2%
Considerando tudo de bom e tudo de ruim, tenho orgulho da história de meu país (% de acordo e muito de acordo)	76.3%	66.9%	85.9%	71.0%	73.3%
Meu país deve sempre defender seus interesses como nação, ainda que possa levar a conflitos com outros países (% de acordo e muito de acordo)	68.5%	63.8%	79.5%	58.2%	64.0%
Meu país deveria limitar a importação de produtos estrangeiros para proteger a economia nacional (% de acordo e muito de acordo)	73.8%	74.6%	77.9%	60.1%	67.6%
A televisão em meu país deveria dar preferência a filmes e programas nacionais (% de acordo e muito de acordo)	58.8%	63.9%	73.7%	50.3%	57.8%
É melhor que os grupos indígenas do país mantenham seus príoprios costumes e tradições, e não se adaptem e misturem com o resto do país (% de acordo)	62.8%	73.7%	72.3%	63.3%	66.8%
É melhor que as regiões tenham a maior autonomia possível, sem responder ao governo central	61.6%	61.9%	59.4%	57.5%	59.2%

Padrões de consumo, pertencimento e distanciamento social

Acesso a bens e serviços

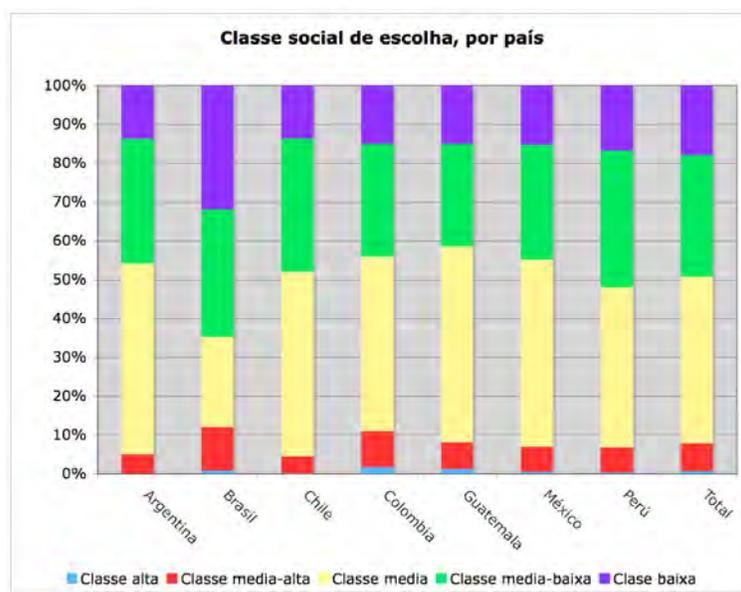
A pesquisa foi realizada somente nos centros urbanos, onde, hoje, se concentra a maioria da população dos países latino-americanos. Pelos dados da CEPAL, no ano 2000, as taxas de urbanização eram de 90.5% na Argentina, 62.4% no Brasil, 81.2% no Chile, 46.1% na Guatemala, 69.8% no México, e 72.8% no Peru. Nestes centros, é grande a penetração de modernos equipamentos e serviços, especialmente aqueles que facilitam o acesso das pessoas à informação e à comunicação.

Quadro 25

Bens e serviços disponíveis no domcilio								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Peru	Total
TV a Cabo	67.6	38.5	43.4	67.5	74.1	30.5	44.7	51.3
Telefone fixo	70.5	74.5	70.6	84.4	48.7	72.7	62.8	69.8
Telefone celular	73.6	73.4	88.0	81.4	76.8	56.8	65.8	73.4
Computador	41.8	41.8	55.8	40.4	31.9	33.0	32.6	39.8
Internet em casa	27.9	38.0	32.5	27.1	10.3	18.2	18.1	25.2
Carro	40.8	44.7	41.2	19.2	36.3	48.8	18.8	36.1
Motocicleta	9.6	15.4	3.9	13.7	14.8	4.1	5.4	9.6
Máquina de lavar roupa	66.6	74.5	85.5	64.1	30.0	74.9	36.2	62.9

Classes de escolha

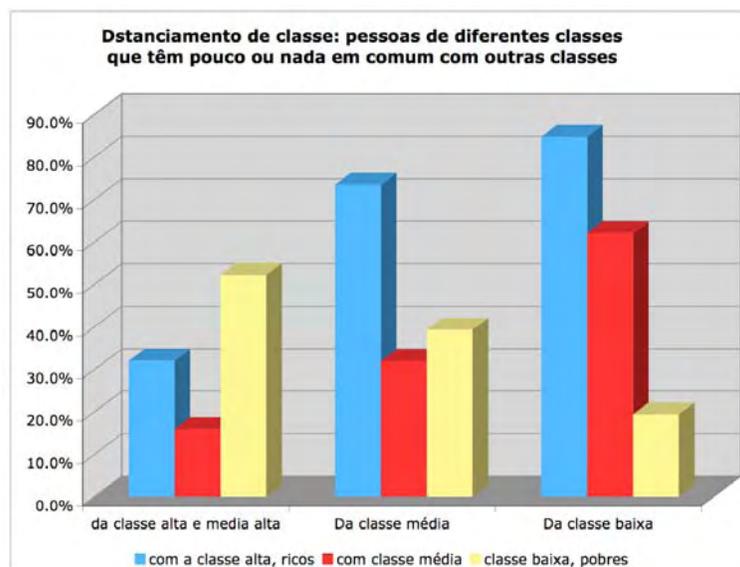
A grande maioria dos entrevistados se considera de classe média ou média-baixa, com muito poucos se considerando como das classes alta, média-alta e alta. A "classe de escolha" é a resposta a uma pergunta sobre a que classe as pessoas sentem que pertencem, com 5 alternativas, que foram depois agrupadas em 3 categorias: classe alta e média alta, classe média e média baixa, e classe baixa. Os dados de acesso a bens e serviços, por classe social, mostra uma aproximação bastante significativa entre os diferentes níveis sociais, notavelmente no uso do telefone celular, com grandes diferenças ainda, no entanto, no uso de computadores e de Internet, que têm crescido rapidamente nos últimos anos em todas partes.

Quadro 26

Quadro 27

Classe Social de escolha e acesso a bens e serviços

	Classe de escolha		
Bens e serviços que tem	**Alta**	**Media**	**Baixa**
TV a cabo	77.3%	53.3%	30.8%
Telefone fixo	86.8%	72.4%	49.8%
Telefone celular	89.8%	75.9%	55.9%
Computador	73.8%	42.0%	14.8%
Internet em casa	60.3%	25.5%	7.9%
Automóvel	66.0%	37.2%	18.6%
Motocicleta	25.0%	8.6%	6.9%
Lavadora automática	82.0%	65.5%	43.4%

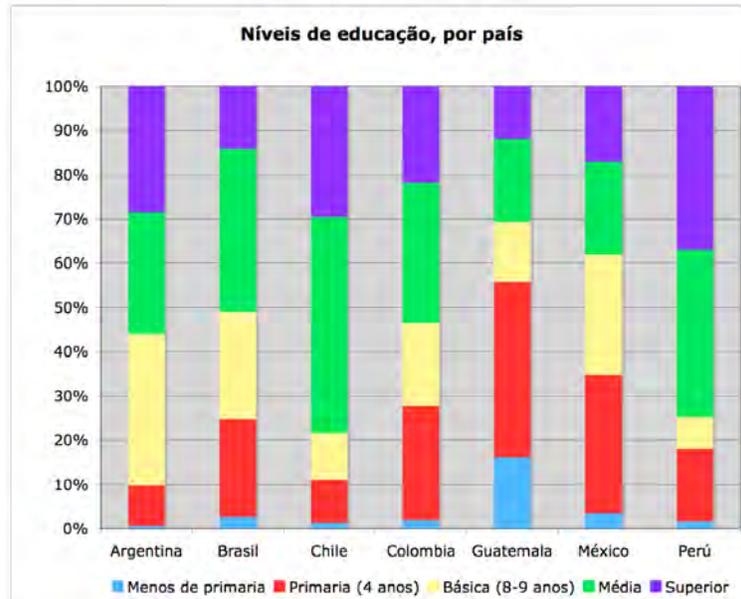
As pessoas que se identificam com uma classe tendem a dizer que têm pouco ou nada em comum com as classes opostas. No total, 52.3% dos entrevistados de classe alta ou média alta dizem ter pouco ou nada em comum com os de classe baixa, ou pobres. Entre os de classe baixa, 84.8% dizem ter pouco ou nada em comum com a classe alta. Por países, observa-se que o Chile é o país em que as classes mais se sentem distanciadas entre si (81% dos de classe alta dizem ter pouco ou nada em comum com os pobres, e 94.6% dos de classe baixa dizem ter pouco ou nada em comum com os ricos) e o Brasil é aonde o distanciamento é menos pronunciado (35% e 78.1%, respectivamente).

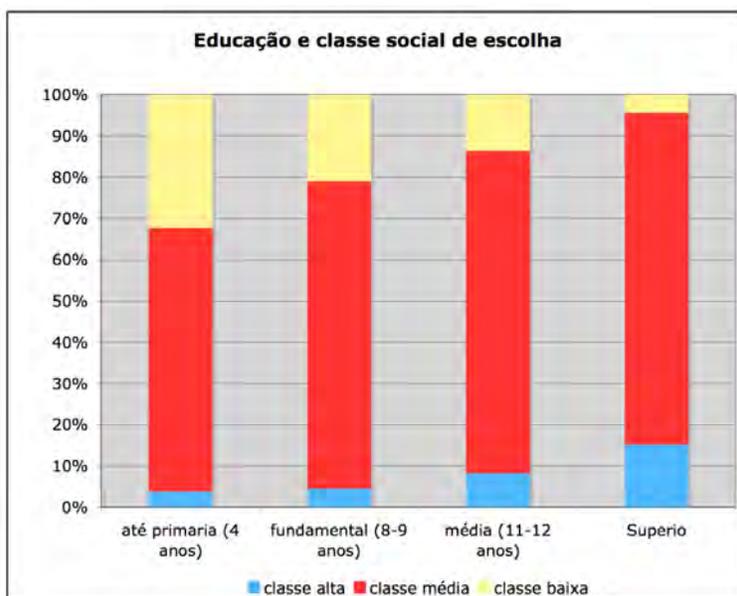
Quadro 28

Quadro 29

Distanciamento de classe, por países			
		pouco ou nada em comum	
		com os ricos	com os pobres
Argentina	da classe alta	33.8%	63.9%
	da classe média	71.1%	35.0%
	da classe baixa	92.5%	5.3%
Brasil	da classe alta	7.3%	35.0%
	da classe média	72.6%	32.2%
	da classe baixa	78.1%	17.1%
Chile	da classe alta	50.8%	81.0%
	da classe média	76.5%	46.7%
	da classe baixa	94.6%	26.3%
Colombia	da classe alta	46.3%	53.4%
	da classe média	73.1%	43.5%
	da classe baixa	85.0%	18.7%
Guatemala	da classe alta	34.7%	45.8%
	da classe média	66.6%	30.6%
	da classe baixa	81.5%	23.2%
México	da classe alta	31.7%	62.5%
	da classe média	74.1%	40.1%
	da classe baixa	91.0%	23.7%
Peru	da classe alta	48.9%	55.6%
	da classe média	79.4%	45.8%
	da classe baixa	82.6%	25.2%

Educação

Ao longo da década de 90, a maioria dos países latino-americanos completou a universalização do acesso à educação fundamental de 8 ou 9 anos, e alguns, como a Argentina e o Chile, já estão próximos da universalização da educação média. Em todos os países da pesquisa, com a exceção da Guatemala, quase não existem pessoas com quatro anos ou menos de educação formal (primária).

Quadro 30

A educação se correlaciona fortemente com a posição social das pessoas, não só porque elas estão associadas a diferenças muito expressivas de renda, mas também porque elas influenciam a percepção que pessoas têm sobre sua posição na sociedade. Os dados da ECosociAL confirmam que as pessoas mais educadas e de estratos sociais mais altos valorizam mais a democracia do que as pessoas menos educadas e de posição social mais baixa. No entanto, as diferenças não são grandes, e menos significativas do que as semelhanças que existem.

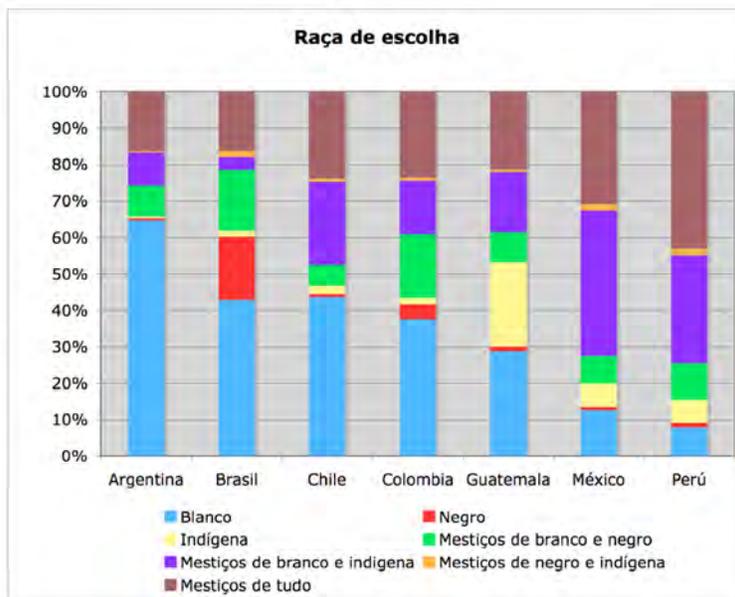
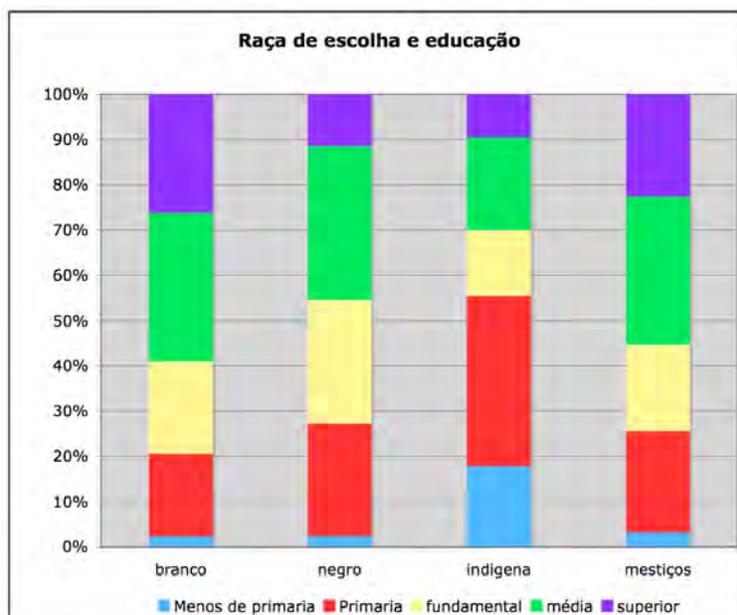
Quadro 31

Quadro 32

Classe social de escolha, educação e preferencia pela democracia				
	A democracia é melhor do que qualquer outra forma de governo	Tanto faz	É melhor ter um governo com forte autoridade na mão de uma pessoa	Total
Educação:				
Menos de primaria	52.5%	26.1%	21.3%	100.0%
Primaria (4 anos)	51.9%	27.3%	20.8%	100.0%
Básica (8 ou 9 anos)	54.6%	26.6%	18.8%	100.0%
Média	60.1%	22.0%	17.9%	100.0%
Superior	75.8%	14.1%	10.1%	100.0%
Classe:				
Alta	62.1%	25.7%	12.2%	100.0%
Média	61.5%	21.4%	17.1%	100.0%
Baixa	56.1%	25.3%	18.6%	100.0%
Total	60.6%	22.4%	17.0%	100.0%

Raça

A população da América Latina é muito diferenciada em suas origens étnicas, e existe, em todos os países, uma longa história de miscigenação. Brasil e Colômbia, neste estudo, são os países com maior população de origem africana, Argentina tem o maior componente de pessoas de origem européia, e os demais têm uma forte presença de pessoas de origem indígena. Mais do que uma característica racial, a questão da "raça" reflete, hoje, uma identidade e sentido de pertencimento, em relação à qual as pessoas

podem, em certa medida, escolher. Em todos os países, 31.2% da população se sente como mestiços de diferentes raças, chegando a 49% no México e 41.4% no Peru. 34.3% se consideram brancos, sobretudo na Argentina, com 64.7%, e no Chile e Brasil, com 43.8 e 42.9% respectivamente. Poucos se consideram negros ou indígenas, com destaque para os negros no Brasil, 17.3%, e os indígenas na Guatemala, 23.1%. Negros e indígenas têm educação e condições sociais claramente piores do que brancos e mestiços.

Quadro 33

Quadro 34

Quadro 35

Acesso a bens e serviços de consumo, por raça					
	Branco	**Negro**	**Indígena**	**Mestiço**	**Total**
TV a Cabo	62.1%	34.6%	46.2%	46.7%	51.4%
Telefone fixo	78.2%	65.0%	46.2%	67.4%	69.8%
Telefone celular	79.1%	74.1%	60.4%	71.3%	73.5%
Computador	49.8%	27.2%	17.5%	37.1%	39.9%
Internet em casa	35.2%	22.3%	6.0%	21.4%	25.3%
Carro	45.5%	26.2%	24.1%	32.6%	36.3%
Motocicleta	13.0%	9.5%	7.3%	7.8%	9.6%
Máquina de lavar roupa	72.6%	58.6%	29.7%	61.0%	63.1%

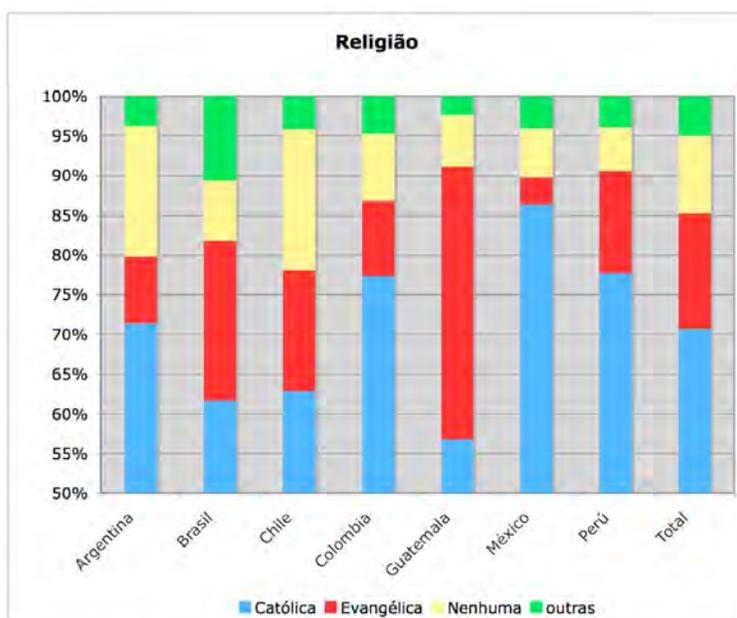
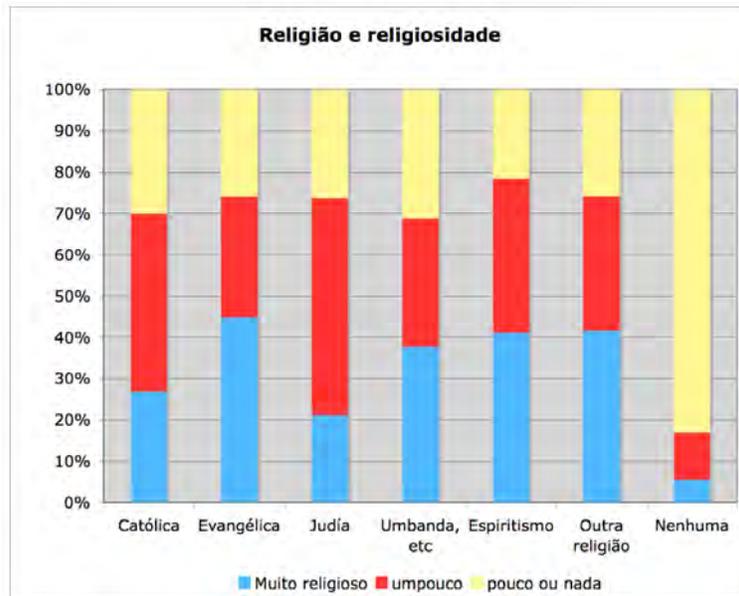
Pessoas de diferentes identidades raciais tendem a se sentir diferentes e distantes de pessoas de outras raças. Os dados mostram que brancos, negros e mestiços destas duas raças se sentem particularmente distantes dos indígenas, e os indígenas, puros ou mestiços, se sentem mais distantes de negros. Este distanciamento pode estar refletindo, simplesmente, distâncias geográficas e falta de contato, dado que a maior parte dos indígenas está concentrada na Guatemala, enquanto que brancos estão sobretudo na Argentina e os negros, no Brasil. Ainda assim, os dados sugerem que o isolamento social dos indígenas na América Latina é maior do que o de outros grupos étnicos da região.

Quadro 36

Distancia social entre as raças			
	Têm pouco ou nada em comum:		
	com brancos	com negros	com indígenas
Blanco	5.9%	39.0%	63.6%
Negro	36.2%	6.3%	49.2%
Indígena	46.1%	51.5%	10.2%
Mestiço de branco e negro	28.7%	25.6%	58.5%
Mestiço de branco e indigena	29.6%	60.5%	36.3%
Mestiço de negro e indígena	51.7%	33.3%	32.8%
Mestiço de tudo	35.6%	41.1%	45.4%

Religião

70.8% dos entrevistados se declararam católicos, 14.5% evangélicos, 9.8% sem religião, e os demais de outras confissões – judeus, espíritas, religiões de origem africana. O país mais católico na pesquisa é o México, o país com maior número de evangélicos é a Guatemala, a Argentina tem o maior número de pessoas sem religião, e a quase totalidade dos espíritas e de religião africana, como a Umbanda e o Candomblé, são do Brasil. Ter uma identidade religiosa não é o mesmo, no entanto, que praticar efetivamente a religião e seguir seus preceitos. Católicos e judeus, são menos religiosos, e os evangélicos, os mais. Há inclusive um pequeno número de pessoas que, apesar de não terem religião, se consideram religiosas.

Quadro 37

Quadro 38

As diferentes opções religiosas podem estar associadas a distanciamento e mesmo hostilidade entre setores da sociedade. Espíritas, católicos e evangélicos são os que se sentem mais distantes dos ateus e não observantes. Os sem religião se sentem mais distantes dos evangélicos do que de outros grupos; os judeus são os que menos se distanciam das demais religiões.

Quadro 39

Distância social entre religiões
% que diz ter pouco ou nada em comum:

	com Católicos	com Evangélicos	com ateus e não observantes
Católica	22.5%	70.2%	81.1%
Evangélica	50.9%	11.8%	77.1%
Judía	31.6%	45.0%	42.1%
Umbanda, etc	42.2%	79.6%	72.7%
Espiritismo	33.7%	63.4%	85.0%
Outra	54.0%	55.1%	72.2%
Nenhuma	63.9%	72.8%	58.1%

Preconceito e discriminação

As atitudes de distanciamento entre grupos sociais, étnicos e religiosos nem sempre levam a atitudes práticas de preconceito e discriminação social. O preconceito consiste em uma atitude depreciativa contra determinado grupo social; a discriminação consiste

em uma ação concreta que limita os direitos e as oportunidades das pessoas em função do preconceito. É difícil avaliar os níveis de preconceito e discriminação, por que as pessoas muitas vezes os praticam sem admitir ou reconhecer que o estão fazendo, e as próprias vítimas muitas vezes não percebem que estão sendo discriminadas. A pesquisa mostrou que, em situações hipotéticas que afetam sua família, cerca de 30% dos chilenos, colombianos e peruanos manifestam preconceito de classe, e colombianos, guatemaltecos e peruanos manifestam preconceitos contra homossexuais. Não existem preconceitos significativos associados a questões de vizinhança, e os brasileiros, em geral, são menos preconceituosos do que os demais.

Quadro 40

Quanto voce ficaria incomodado com as seguintes situações (% muito ou um pouco incomodados)

	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Que sua filha ou filho se casasse de pessoa de classe social mais baixa que a sua	11.6%	10.9%	28.9%	31.8%	15.1%	15.6%	30.9%	20.5%
Ter um vizinho de outra raça	2.0%	2.0%	3.8%	3.7%	5.1%	4.0%	3.1%	3.3%
Que seu filho ou filha tenham amigos homosexuais	13.5%	13.5%	27.1%	35.5%	37.8%	19.5%	34.9%	25.3%
Ter como vizinho um trabalhador imigrante	2.6%	5.2%	5.2%	8.4%	8.3%	4.5%	4.7%	5.5%
Ter um vizinho de classe social mais baixa do que a sua	2.3%	2.3%	3.6%	5.0%	6.3%	3.7%	3.3%	3.7%

Por outro lado, na perspectiva das vítimas, cerca de 17% dos brasileiros dizem ter sofrido algum tipo de moléstia por causa de sua raça, região, religião, pobreza e preferências políticas, mais do que os demais países, o que não parece ser congruente com nível relativamente baixo de preconceito que declaram ter. No conjunto dos países, os negros são os que se sentem mais discriminados por sua raça ou cor – 31.8%, contra 19.6% dos indígenas, e 10.5% dos mestiços. Além dito, 26.1% das pessoas de classe baixa dizem ter sido discriminadas por sua pobreza.

Quadro 41

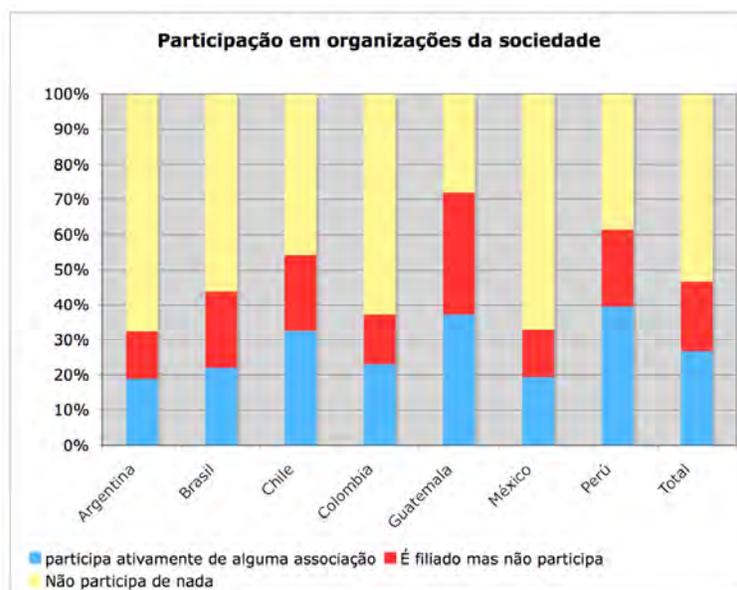
Você já se sentiu incomodado, discriminado ou maltratado por algumas destas razões? (% que responderam muitas ou algumas vezes)

	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Pela cor de sua pele, raça ou etmia	6.6%	17.7%	5.6%	4.7%	11.1%	7.9%	19.4%	10.5%
Pela cidade ou região de onde vem	5.9%	16.8%	7.9%	6.0%	11.3%	7.4%	16.0%	10.3%
Por sua religião	5.1%	16.6%	7.2%	8.6%	13.7%	5.9%	10.1%	9.7%
Por ser pobre	5.5%	17.3%	12.5%	8.2%	8.2%	7.5%	13.7%	10.6%
Por suas preferências políticas	5.5%	17.3%	12.5%	8.2%	8.2%	7.5%	13.7%	10.6%

Participação social

A participação social em organizações de diferentes naturezas é considerada como um ingrediente central no fortalecimento da coesão social e da democracia. Existe uma diferença importante entre a participação que permite construir pontes e fortalecer o envolvimento das pessoas com a sociedade mais ampla, e a participação defensiva, que isola as pessoas em suas comunidades e localidades, e aumenta o distanciamento e a hostilidade entre os grupos sociais.

Nesta pesquisa, 53% dos entrevistados não participa de nenhum tipo de organização ou instituição. A participação é maior na Guatemala, aonde predominam as igrejas evangélicas, e menor no México e no Peru. Em toda a região são nas instituições religiosas e, em menor grau, esportivas, que as pessoas participam mais. Outras modalidades de participação não chegam a evolver 5% das pessoas, e a menor é a participação em sindicatos e associações profissionais, de pouco mais de 2%.

Quadro 42

Quadro 43

	Pertence e participa ativamente de alguma associação:						
	grupo religioso	grupo de beneficiência ou voluntariado	Sindicato ou associação profissional	Clube ou associação esportiva	Associação de bairro	Associações educacionais, escolas, etc	outras associações
Argentina	8.6%	4.3%	1.6%	4.5%	1.8%	3.7%	2.2%
Brasil	15.4%	5.3%	2.2%	2.9%	3.4%	2.9%	2.9%
Chile	13.1%	4.1%	3.3%	6.6%	5.6%	7.7%	5.2%
Colombia	10.6%	4.1%	1.9%	4.9%	3.9%	5.8%	2.8%
Guatemala	29.3%	4.0%	2.3%	6.8%	3.7%	4.3%	2.9%
México	9.1%	2.2%	1.5%	6.1%	1.7%	3.2%	1.2%
Perú	18.7%	4.8%	3.2%	7.9%	8.6%	8.9%	3.5%
Total	14.6%	4.1%	2.3%	5.6%	4.1%	5.1%	2.9%

Uma outra maneira de olhar a participação é pelo círculo de relações e amizades que as pessoas possuem, assim como pela confiança que elas depositam, em geral, em seus concidadãos. Quando perguntados, alguns entrevistados declararam ter centenas de amigos e vizinhos que conhecem de nome. Reduzindo, arbitrariamente, este números extremos para 30, Guatemala e Brasil surgem como países em que as pessoas tem, em média, o maior número de amigos próximos (13.3 e 10.8 em média), e também conhecem mais vizinhos pelo nome (Brasil com 20.3 e Guatemala com 11.4, próximo ao Peru com 11.9). Um outra maneira de olhar estes dados é pela mediana, ou seja, o número que divide a população em duas metades. Assim, metade dos argentinos tem 3 amigos ou mais, contra 5 para brasileiros e guatemaltecos. Além disto, metade dos brasileiros diz conhecer pelo nome pelo menos 12 pessoas de famílias vizinhas. Por outro lado, o nível de desconfiança dos respondentes em relação às pessoas em geral é elevado em todos os países, e extremo para o Brasil e Peru. Isto faz supor que criação de amplas redes sociais de amizade e vizinhança, no caso do Brasil e Guatemala sobretudo, seja uma tentativa de resposta e compensação por um entorno social percebido como hostil ou pelo menos não confiável.

Quadro 44

Amizades e confiança nas pessoas			
	% que acredita que, em geral, pode-se confiar na maioria das pessoas	número de amigos próximos que tem (mediana)	número de famílias vizinhas em que conhece de nome pelo menos uma pessoa (mediana)
Argentina	23.2%	3	5
Brasil	4.2%	5	12
Chile	10.2%	3	5
Colombia	13.2%	4	5
Guatemala	13.4%	5	6
México	19.0%	3	5
Perú	6.3%	4	6
Total	12.5%	4	6

Família

Do total dos entrevistados, 55% vive com cônjuge ou companheiro, e os demais vivem só. A maioria dos casamentos é formal. Existem mais homens e mulheres sozinhos no Brasil e na Colômbia do que nos demais paises, e a Colômbia, em contraste com o México, é aonde existem menos casamentos formais. O Chile é o país em que as pessoas se casam mais tarde, e Brasil e Argentina são países em que, depois dos 55 anos de idade, 45% da população vive sozinha.

Quadro 45

Condição matrimoninal, por sexo e país									
		Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Homens	sozinho	46.2%	50.7%	45.4%	49.2%	43.1%	44.0%	45.0%	46.4%
	com companheiro	10.8%	11.4%	11.5%	20.9%	12.2%	5.6%	12.0%	12.0%
	com conjuge	43.0%	37.8%	43.1%	29.9%	44.7%	50.4%	43.0%	41.6%
	total	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%
Mulheres	sozinho	43.5%	48.1%	45.6%	45.1%	39.2%	38.4%	40.9%	43.1%
	com companheiro	15.5%	14.7%	16.1%	24.1%	11.9%	6.0%	13.0%	14.5%
	com conjuge	41.0%	37.2%	38.2%	30.8%	48.9%	55.7%	46.1%	42.4%
	total	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%	100.0%

Quadro 46

Porcentagem de pessoas sozinhas por grupos de idade							
Idade	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Peru
18-24	78.6%	77.9%	84.0%	76.3%	78.2%	77.2%	78.5%
25-34	40.4%	48.7%	44.4%	45.3%	29.8%	31.5%	43.0%
35-44	30.1%	34.3%	33.8%	30.5%	26.6%	28.1%	25.2%
45-54	27.2%	39.4%	30.3%	33.6%	33.1%	26.6%	29.3%
55 e mais	45.2%	44.2%	39.7%	43.1%	30.0%	40.7%	34.3%

No Chile e na Colômbia, cerca de 20% das pessoas vivem sozinhas ou com sua família nuclear, cônjuge e filhos, e nunca ou quase nunca recebem visitas de pais, irmãos, filhos que não moram em casa, amigos ou vizinhos. No outro extremo, na Guatemala, México e Peru, cerca de 20% das pessoas vivem em famílias extensas.

Quadro 47

Convivência com pais, mães, filhos e vizinhos (percentagem de respostas)								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Vive com eles	13.7	17.5	14.7	15.4	19.9	19.4	18.9	17.1
Todos os dias	18.2	22.2	13.0	14.2	13.7	11.8	11.7	15.1
Pelo menos 1 vez por semana	28.5	21.6	24.2	20.3	20.3	21.6	20.2	22.3
algumas vezes por mês	12.8	13.6	11.7	12.2	14.5	14.7	15.3	13.6
Pelo menos 1 vez por mês	5.4	6.8	7.0	7.5	10.5	8.8	8.4	7.8
Pelo menos 1 vez por ano	6.4	5.7	8.5	11.4	9.2	7.5	11.3	8.5
Nunca ou quase nunca	14.9	12.5	20.9	19.2	11.9	16.2	14.1	15.7

Apesar do grande número de solteiros e uniões informais, existe um grande consenso na região quanto à importância dos laços e relações familiares, e inclusive das responsabilidades entre as gerações. No mundo de incertezas e falta de confiança no entorno, a família, assim como a religião, parecem ser recursos importantes para se contar.

Quadro 48

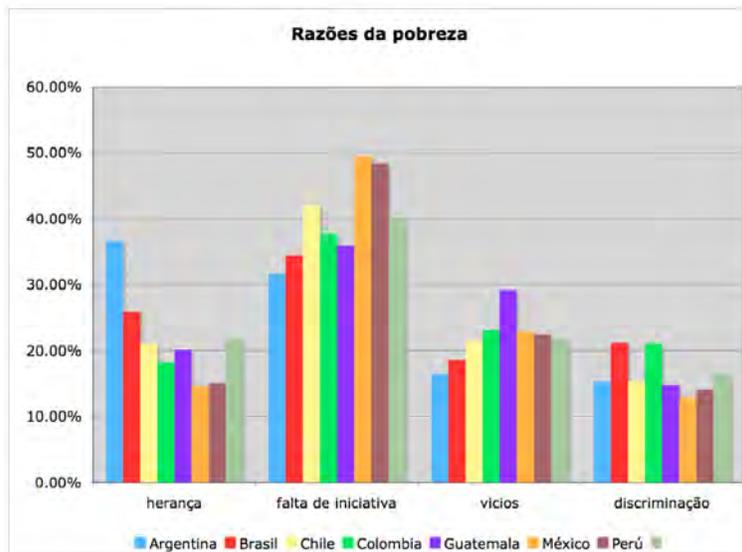
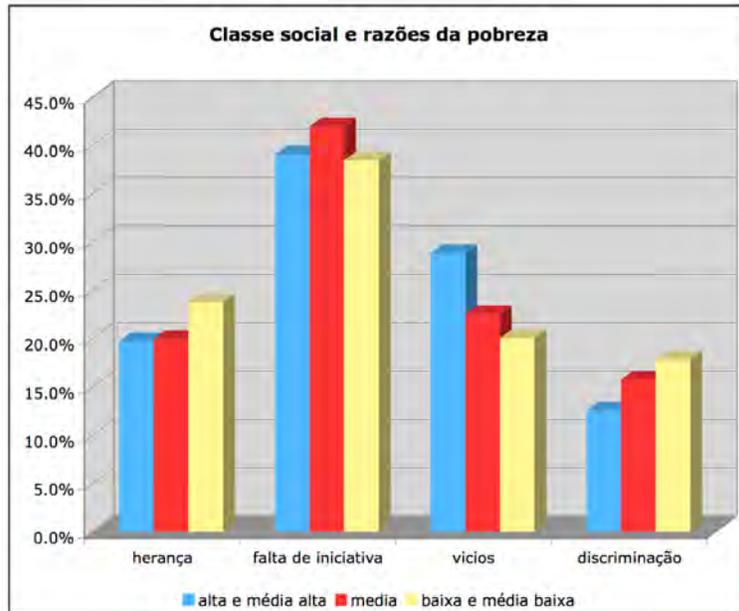
Valores de família: % que está de acordo e muito de acordo com as frases abaixo.								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
as pessoas devem permanecer em contato com a família mais próxima mesmo quando não se tenha muito em comum com ela	82.2%	85.1%	94.5%	93.8%	90.8%	88.5%	91.6%	89.3%
as pessoas devem permanecer em contato com a família mais afastada (tios, primos, etc) mesmo quando se tenha muito em comum com eles	61.3%	77.7%	83.9%	87.9%	87.4%	78.6%	78.5%	79.2%
Em geral, eu me dou melhor com meus amigos do que com minha família	23.7%	30.6%	20.5%	24.1%	31.0%	17.8%	21.1%	24.1%
Quando os filhos saem de casa, não deveriam esperar que os pais continuassem ajudando financeiramente	48.3%	50.5%	59.9%	52.5%	65.5%	61.2%	62.7%	56.9%
Quando os pais envelhecem, os filhos deveriam se encarregar deles economicamente	63.8%	78.2%	75.8%	86.9%	80.1%	70.2%	83.7%	76.9%

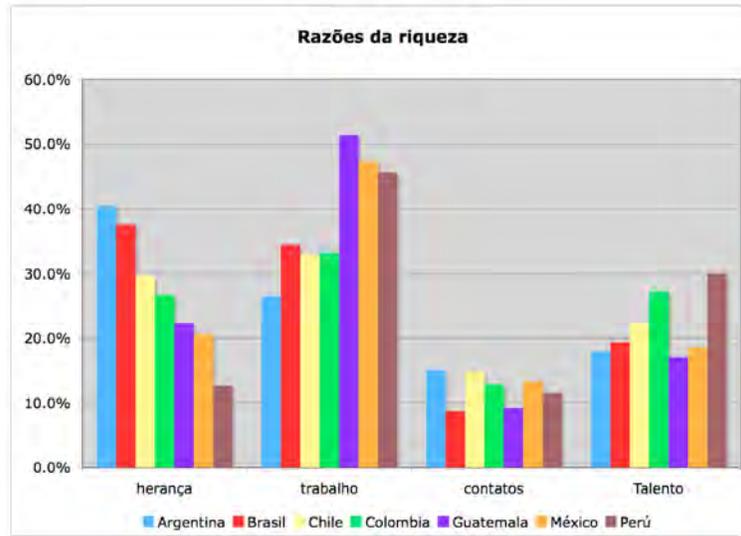
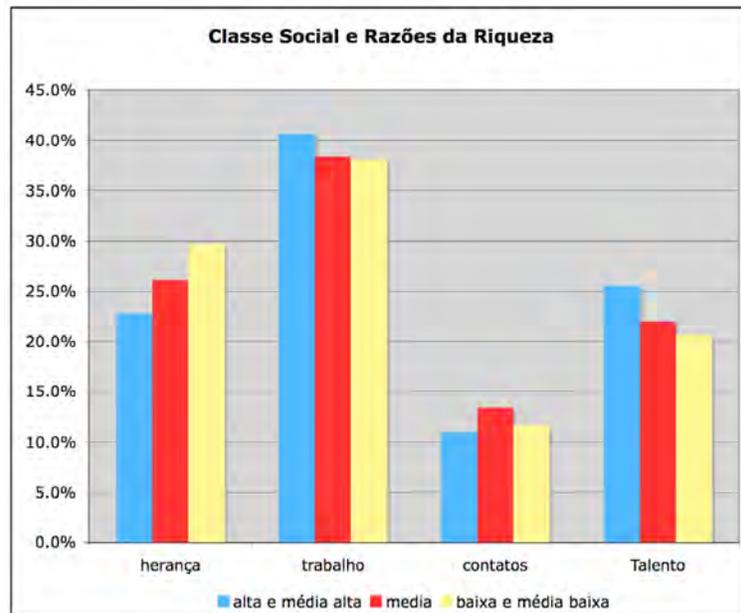
Os caminhos do futuro

Razões da pobreza, da riqueza, e o papel do Estado.

De onde vem pobreza que afeta tanto a vida das pessoas? Existem dois tipos de resposta possível, as razões que têm a ver com a ação dos indivíduos, e as que dependem do contexto externo sobre o qual eles não têm domínio. Em sua maioria, as pessoas tendem a

explicar a pobreza por fatores individuais, a falta de iniciativa e os vícios das pessoas, menos do que por fatores exteriores como a herança familiar e a discriminação social. Os argentinos atribuem muito peso à herança recebida como causa da pobreza, e acreditam menos na importância da iniciativa individual. Os guatemaltecos, certamente por influência da religião evangélica, dão mais importância peso negativo aos vícios; brasileiros e colombianos são os que dão mais importância à discriminação. De maneira geral, o predomínio das razões de tipo individual (falta de iniciativa, vícios) em contraste com fatores estruturais e sociais (herança recebida, discriminação) sugerem que existe uma forte aceitação da desigualdade social na região, que independe da posição de classe das pessoas.

Quadro 49

Quadro 50

Para conquistar a riqueza, o mais importante é o trabalho e o talento, mas conta também a herança social recebida e os contatos que as pessoas possam ter. Guatemaltecos, peruanos e mexicanos acreditam mais no trabalho do que os demais. Argentinos e Chilenos insistem na importância a herança familiar; e o talento é mais valorizado na Colômbia e no Peru. As diferenças por classe social, embora existam, não chegam a alterar este predomínio do desempenho individual como a principal causa da riqueza.

Quadro 51

Quadro 52

Se as causas da pobreza e da riqueza são estruturais, caberia ao Estado agir sobre elas; se elas são individuais, caberia às pessoas. As ideologias socialistas e social democratas tendem a atribuir um papel central ao Estado na melhoria das condições de vida das pessoas, enquanto que as ideologias liberais colocam ênfase no trabalho e na iniciativa dos indivíduos. Na América Latina, no entanto, dada a baixa legitimidade do Estado, é provável que muitas pessoas se oponham à sua ação a partir de outras perspectivas que

não as liberais, como, por exemplo, a da ação comunitária e religiosa. Os entrevistados foram colocados diante de várias alternativas ao longo do contínuo indivíduo – estado, e as respostas variaram bastante por país. Os brasileiros, claramente, são os que mais favorecem a igualdade, mesmo em detrimento do estímulo ao esforço individual. Argentinos e colombianos acham que cabe ao Estado, mais que aos indivíduos, buscar melhorar as oportunidades de vida das pessoas. Todos são contra reduzir os impostos em detrimento das políticas sociais, mas os guatemaltecos são mais céticos. Todos acham que a ajuda do Estado deve se destinar predominantemente aos mais pobres, embora os guatemaltecos favoreçam um pouco menos a focalização. Finalmente, a maioria das pessoas não concorda que o setor público trate pior as pessoas o que as empresas privadas, com Brasil e Argentina nos extremos opostos.

Quadro 53

Atitudes ante o Estado e a iniciativa individual (% muito de acordo e de acordo)*								
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú	Total
Ese país deve haver mais igualdade, e não maiores recompensas ao esforço individual	55.9%	67.3%	48.6%	59.5%	51.2%	45.9%	52.4%	54.8%
É tarefa de cada um buscar suas oportunidades para subir na vida, não do Estado	41.1%	49.6%	51.0%	39.4%	56.3%	53.1%	56.7%	49.5%
Quanto mais igualitária é uma sociedade, melhor é, mesmo que isto freie os a iniciativa dos mais capazes	39.6%	42.9%	37.0%	41.1%	40.7%	35.5%	38.8%	39.4%
É melhor reduzir os impostos, mesmo que signifique gastar menos em saúde, educação e benefícios sociais	21.0%	34.2%	24.8%	35.5%	45.2%	40.9%	35.3%	33.8%
A ajuda do Estado deve destinar-se a todos, e não somente aos mais pobres e vulneráveis	33.8%	36.0%	31.9%	30.5%	41.6%	39.7%	33.1%	35.1%
Os órgãos públicos tratam as pessoas muito pior do que as empresas privadas	30.9%	54.0%	40.5%	43.5%	40.3%	40.6%	45.8%	42.6%

(* as pessoas deveriam se situar em uma escala de 5 pontos entre as duas alternativas

Quadro 54

Oportunidades de subir na vida - % muito de acordo e de acordo							
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú
Neste país, o que pode conseguir na vida depende da riqueza e do nome da famíia em que as pessoas nascem	31.6%	40.5%	30.3%	30.1%	25.0%	24.7%	17.8%
O que se consegue na vida depende da educação que se tenha alcançado	26.9%	32.4%	31.3%	28.7%	23.7%	29.2%	27.7%
Neste país existem oportunidades para todos quetrabalhem duramente	20.5%	24.6%	25.7%	27.4%	33.4%	40.3%	28.2%
Neste país não exstem oportunidades verdadeiras, é preciso buscá-las no exterior	17.9%	27.0%	26.3%	33.6%	29.8%	29.6%	35.8%

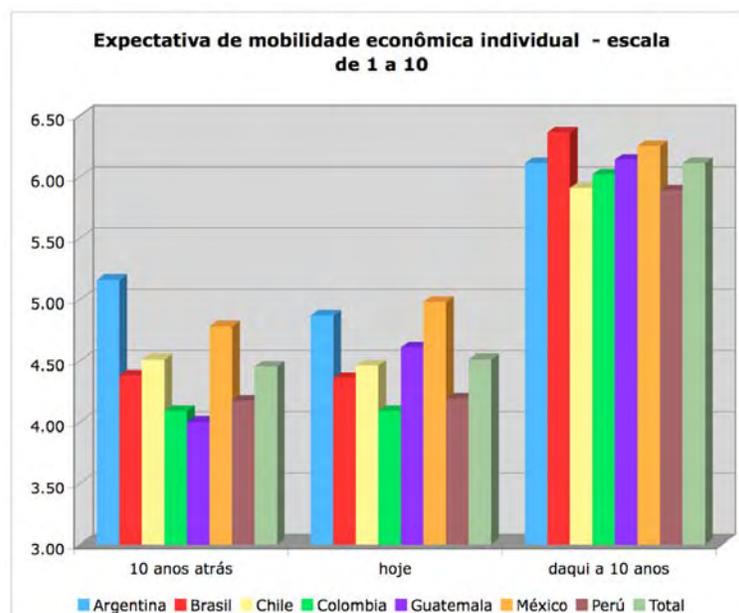
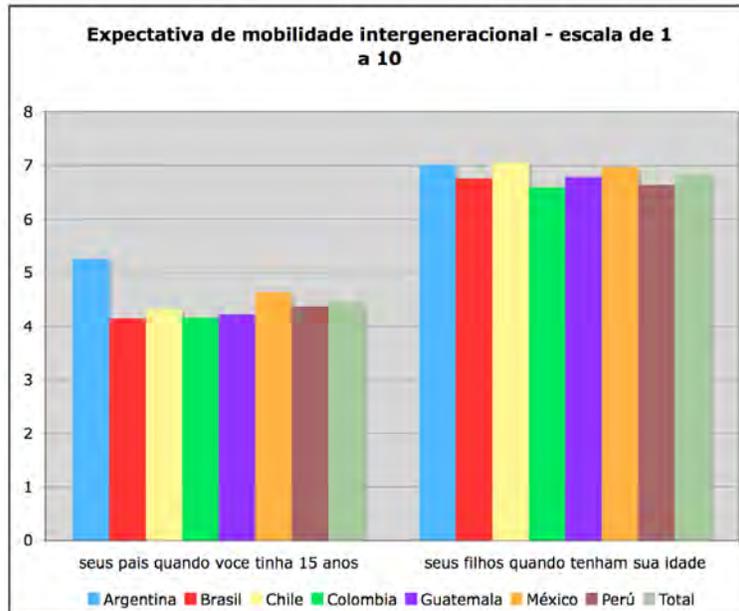
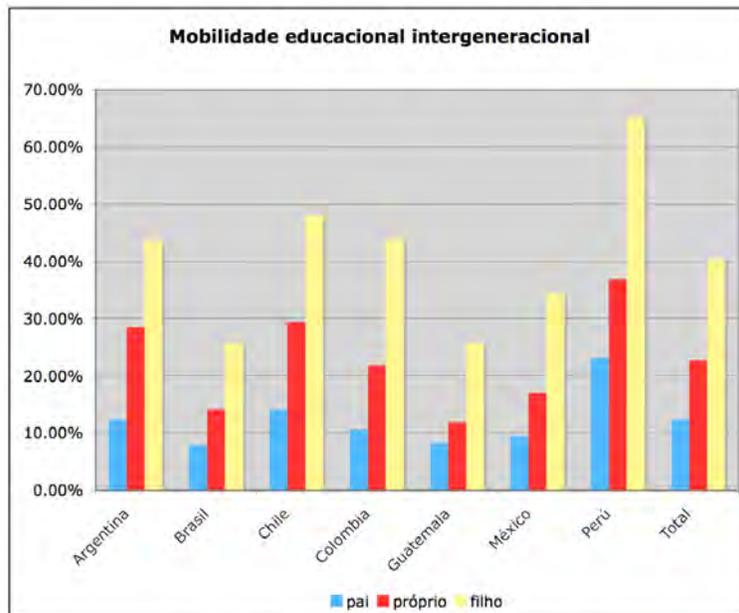
Perspectivas de mobilidade

Quando perguntadas sobre situações específicas, os entrevistados não se mostram muito otimistas quanto às oportunidades existentes para as pessoas em seu país, com as devidas diferenças – os argentinos muito mais pessimistas, em geral, do que, no outro extremo, os

mexicanos. No entanto, a maioria das pessoas em todos os países têm grandes esperanças de melhora. Em uma escala de 1 a 10 de posição econômica, sendo 1 a pior, os respondentes se colocam, na média, na posição 4.51, muito próximos de aonde estavam 10 anos atrás, mas esperam estar, daqui a 10 anos, na posição 6.11. Em vários países, como na Argentina e Chile, a situação atual é percebida como pior do que a de 10 anos atrás, o que não afeta a forte expectativa de mobilidade nos próximos 10 anos. Esta expectativa também existe entre as gerações, não só em relação à posição econômica, como também em relação à educação.

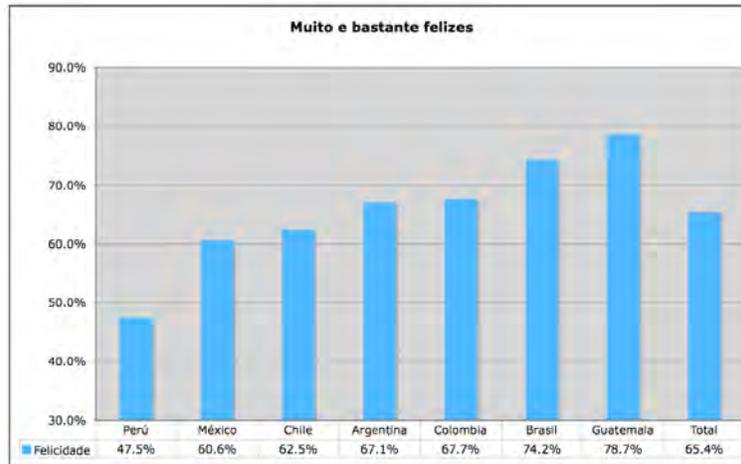
Quadro 55

Oportunidades abertas para as pessoas - % muito alta e alta							
	Argentina	Brasil	Chile	Colombia	Guatemala	México	Perú
De um jovem comum e corrente terminar a educação média	31.7%	30.4%	41.5%	28.3%	17.7%	35.0%	15.4%
De um pobre sair da pobreza	19.5%	25.2%	19.9%	27.1%	35.1%	49.6%	23.5%
De qualquer pessoa abrir seu negócio e se estabelecer	14.3%	22.9%	27.7%	33.5%	31.0%	41.7%	28.7%
De um jovem inteligente sem recursos entrar na universidade	23.0%	39.4%	29.8%	23.6%	24.3%	37.0%	23.0%
De uma mulher alcançar uma boa posição em seu trabalho	21.5%	30.5%	26.2%	33.0%	25.3%	36.9%	26.4%
De qulquer pessoa comprar sua casa própria em um tempo razoável	11.2%	17.1%	29.2%	30.2%	36.6%	52.6%	23.2%

Quadro 56

Quadro 57

Quadro 58

Felicidade

Em última análise, e apesar de tudo, os latino-americanos são felizes. A felicidade, como sentimento subjetivo, não está relacionada a condições reais de bem estar, mas a

experiências passadas e, sobretudo, a expectativas sobre o futuro. O paises mais felizes são a Guatemala, aonde os índices de condição de vida são piores, e o Brasil. O país mais infeliz é o Peru, talvez pela experiência recente de crises políticas e falta de perspectivas.

Quadro 59

É possível especular, de muitas maneiras, sobre as causas desta felicidade, mas não há dúvida que, combinada com as grandes expectativas de mobilidade, ela pode estar dando sustentação à frágil democracia e à débil coesão social latino americana. É importante que as oportunidades reais de vida não continuem tão distanciadas, por muito tempo, das aspirações.